

OS CONFRONTOS DE QUADERNA

Quaderna's confrontations

Edna da Silva Polese*

RESUMO

Este artigo lida com a questão do confronto vivenciado pelo personagem Quaderna no *Romance da Pedra do Reino* de Ariano Suassuna. Quaderna se apresenta como o herdeiro legítimo do trono outrora destruído. Desvia-se dos embates físicos, armando-se de astúcia. Será obrigado, no entanto, a encarar a responsabilidade de ser um subversivo. Nesse ambiente depara-se com outros personagens que o confrontam, obrigando-o a enxergar a verdade sobre a pretensão almejada. Destaca-se a confrontação com o personagem Pedro Beato que tenta persuadi-lo para o caminho do perdão. O encontro mais violento é o que se dá com O Corregedor, representante da lei cruel que tenta provar o envolvimento de Quaderna com o crime. Astucioso e dominador da palavra, Quaderna tenta desemaranhar-se pela via da palavra e do riso.

Palavras-chaves: *Literatura Brasileira; Romance da Pedra do Reino; confronto.*

ABSTRACT

This paper deals with the issue of the confrontation experienced by the character Quaderna in the novel *Romance da Pedra do Reino* by Ariano Suassuna. Quaderna introduced himself as the rightful heir of the throne once destroyed. He avoids physical fights by arming himself with astuteness. He shall be required, however, to face the consequences of his subversive behavior. In such an environment, he is faced with other characters, who confront him, forcing him to see the truth about the pursued goal. We highlight the confrontation with the character Pedro Beato, who attempts to persuade him to follow the path of forgiveness. The most violent encounter is the one with O Corregedor (the magistrate), who represents the cruel law that attempts to condemn Quaderna as a criminal. Artful and eloquent, Quaderna tries to get away through words and laughter.

Keywords: *Brazilian literature; Romance da Pedra do Reino; confrontation.*

*FARESC

1. UM MOVIMENTO SAGRADO E SANGRENTO

Pedra Bonita é o local em que ocorreu o movimento messiânico de caráter sebastianista entre os anos de 1836 e 1838. A formação rochosa está inserida na Serra do Catolé no sertão pernambucano. Por volta de 1836 (QUEIROZ, 1965, p. 200), em Pernambuco, um sertanejo começou a divulgar que recebia mensagens de Dom Sebastião sobre um lugar encantado, uma lagoa, em que havia um tesouro. Por indução de um padre, o sertanejo desistiu de continuar divulgando a tal lagoa encantada, mas seu cunhado João Ferreira resolveu continuar a empreitada. João Ferreira, talvez por ter uma índole mais estranha e complexa, criou novas interpretações a partir das visões que passou a ter de Dom Sebastião e conseguiu reunir um grupo de seguidores. Instalaram-se aos pés de uma grande formação rochosa composta de dois longos rochedos e ali, dizia João Ferreira, Dom Sebastião estava encantado, escondido no interior das pedras. Certo dia, disse que Dom Sebastião novamente lhe aparecera nos sonhos e ordenara-lhe que se fizessem sacrifícios para que o desencantamento ocorresse. João Ferreira convenceu seus seguidores que todos voltariam do mundo dos mortos completamente diferentes: os negros voltariam brancos, os pobres voltariam ricos, as mulheres inférteis voltariam férteis e até os cães voltariam transformados em dragões. Começou o ritual do sacrifício, mas um dos seguidores horrorizou-se com a situação, fugiu, informou às autoridades, mostrou-lhes o caminho e deu-se o resto da matança. Dom Sebastião não voltou, morreu muita gente, morreu João Ferreira e a história horrorosa ficou muito tempo sem ser lembrada.

No *Romance da pedra do reino*, Ariano Suassuna recria um mundo épico, heróico e reconstrutor do famigerado movimento, ligando-o a outros momentos importantes da história de Pernambuco e também da Paraíba, regiões fronteiriças, palco dos acontecimentos retomados na obra ficcional. Pedro Dinis Quaderna, seu personagem ficcional, reconstrói o reino através da literatura, elevando a figura de seu bisavô, o rei da Pedra do Reino. Quaderna “toma” o lugar de seu bisavô numa outra tentativa de reconstruir o movimento que fora interrompido. Sofre também perseguições, pois se encontra preso quando a narrativa se inicia. Publicado em 1971, com duas

edições nos anos de 1972, a obra passou bom tempo desvinculada dos interesses acadêmicos. Somente a partir da década de 1980 é possível perceber o interesse voltado à obra de Suassuna, mais conhecido pela autoria de peças teatrais como *Uma mulher vestida de sol* (1964), *Auto da compadecida* (1961), *O santo e a porca* (1964), *A pena e a lei* (1971) e *Farsa da boa preguiça* (1974), para citar as mais conhecidas.

No *Romance da pedra do reino* Quaderna é o narrador de uma obra que se autoconstrói. É um romance tumultuoso, como registra, no prefácio, Rachel de Queiroz (QUEIROZ, 1972, p. 6), em que a definição una e completa torna-se impraticável. Epopéia, novela, crônica, poesia, romance de cavalaria, romance picaresco, são alguns dos gêneros ali encontrados. O que Quaderna almeja, a edificação do reino interrompida na época do antepassado, funciona no reino do imaginário: na poesia, na narrativa que se constrói, na música, nas organizações das cavalhadas. Mesmo inserido nesse mundo imaginário, retomando figuras históricas como João Ferreira e Dom Sebastião, e evocando outros momentos históricos e políticos essenciais no contexto de Brasil, Quaderna não se vê livre da mão da lei. Caminha inexoravelmente para o seu destino. Herói covarde, porém astucioso, que se reveste de conhecimento para enfrentar seus demônios, principalmente perante a presença opressora do Corregedor: “E o heroísmo é todo entremeado de covardia, como o resumo de D. Pedro Dinis Quaderna em pessoa: — os ouropéis heróicos apenas encobrem a sórdida velhacaria, o medo e os suores frios de degenerado descendente dos ferozes reis sertanejos do castelo das duas torres.” (QUEIROZ, 1972, p. 7). Quaderna, ciente do poder da construção literária sabe que há a realidade e os entremeios da construção discursiva. O romance é toda essa tentativa de reerguer o reino, reorientar os fatos tornando-os grandiosos, cavalheirescos, romanescos. É assim que Quaderna se reveste e recria a figura do líder e seu lugar no mundo.

Entremeada pela covardia, tal trajetória não poderia acontecer no mundo real dos enfrentamentos, batalhas, ferimentos e morte, como o que ocorreu com o seu famigerado bisavô. O mundo que constrói em torno de si é enigmático e simbólico e realizar-se-á no reino da poesia. No projeto arquitetado por Quaderna resgata-se a presença de Dom Sebastião em todo o

contexto histórico-familiar. Quaderna percorre o veio popular, observando como o mito sebastianista pode ter atravessado as fronteiras através de relatos e servido como mote para a elaboração de folhetos, imprimindo, assim, na memória coletiva a lenda do famoso rei. Por outro lado, retoma, através de seus mestres, os nomes eruditos que relataram sobre o fenômeno Dom Sebastião. São mecanismos utilizados para embasar seu plano literário. Nesse percurso, observa também o lado negativo que o mito carrega, como sinônimo de atraso político e cultural. Destaca-se ainda na leitura o processo de autoconstrução e autoconsciência do personagem possibilitando a leitura da obra como uma forma do romance de formação. Tais leituras se estabelecerão como ferramentas para a formação do Gênio da Raça, ambição maior de Quaderna, posição que o legitimará como verdadeiro rei, porém livre de enfrentamentos físicos. A estrutura obtida através do conhecimento intelectual formará um “escudo argumentativo” perante o Corregedor. É quando o sonho de Quaderna será assombrado no decorrer da narrativa pela presença do representante da lei e da justiça e o enfrentamento entre os níveis intelectuais, apelando-se para a riqueza argumentativa, que colocará em xeque o domínio de Quaderna. Tudo o que Quaderna protege, representa e almeja será afrontado. O Corregedor não é o único agente dessa afronta, pois o percurso inicia-se com Pedro Beato, símbolo da pureza e do perdão, e termina na figura do Corregedor, símbolo do aniquilamento. Ao terminar o depoimento Quaderna está livre (por enquanto) das amarras da cadeia. Projeta seu sonho em devaneio prevendo um futuro glorioso como escritor.

2. OS CONFRONTOS DE QUADERNA

A narrativa do *Romance da pedra do reino* promove a sensação de repetitividade, pois o leitor se depara com a mesma história contada inúmeras vezes para vários interlocutores. Assim, a primeira parte da narrativa mostra o processo de formação de Quaderna, nascimento, estudos, acesso ao mundo literário erudito e popular, os rituais da caçada, a visita à formação rochosa em que seu famigerado antepassado se autoproclamou rei, o revigoramento das cavalcadas, o plano de escrever a obra definitiva etc. Na segunda parte do livro, Quaderna repetirá várias dessas passagens ao

Corregedor durante o depoimento, pois sabe que o registro escrito por Margarida, a secretária do Corregedor, já é parte de sua própria construção literária. Os confrontos de Quaderna simbolizam os pontos de fragilidade de sua estrutura. Antes do depoimento, Quaderna encontra-se com Pedro Beato, Eugênio Monteiro e Maria Safira. Pedro Beato representa a redenção almejada por Quaderna e a impossibilidade diante do perdão difícil; Eugênio Monteiro aponta a covardia de Quaderna; Maria Safira confirma a sexualidade desenfreada.

O diálogo (depoimento) com o Corregedor é certamente o mais longo e o mais significativo. As intenções são diferentes: Quaderna profere sua defesa, o Juiz deseja destruí-la. O embate entre os dois personagens marca a dramaticidade da condição de Quaderna. Outros momentos nos quais Quaderna mantém um diálogo, obrigando-se a encarar sua consciência, seus atos e consequências, são os diálogos com os seus mestres Samuel e Clemente, em que manifesta o seu propósito literário e a formação intelectual, observando-se que nesses diálogos se mantém o tom jocoso e irônico construído por Quaderna na intenção de superar seus mestres. Nesse ínterim, o Juiz Corregedor chega a Taperoá. Quaderna recebe uma intimação e precisa depor sobre seu envolvimento no caso do Rapaz do cavalo branco e na morte de Pedro Sebastião. Nesse mesmo dia, antes de dirigir-se à delegacia, Quaderna testemunha o duelo entre Samuel e Clemente e, mais tarde, segue para casa a fim de se preparar para o depoimento. Alguém o espera. É Pedro Beato, um penitente muito respeitado em Taperoá. Pedro Beato é idoso e desposara Maria Safira, tida como possessa. Quaderna mantém um relacionamento íntimo com Maria Safira e tal fato provoca profundo respeito pela figura de Pedro Beato. O capítulo, intitulado “As desventuras de um corno desambicioso”, mostra esse doloroso diálogo entre Pedro Beato e Quaderna. O penitente representa a voz que faz Quaderna enxergar o quanto é ambicioso, e é durante esse diálogo que Quaderna toma noção de sua culpa: a vaidade do seu sonho restaurador da Pedra do Reino.

2.1. O ENCONTRO COM PEDRO BEATO

Pedro Beato, marido de Maria Safira, perambula pelas ruas de Taperoá

como um penitente. É um homem destituído das ambições terrenas e que por isso causa comoção em Quaderna. Casara-se com Maria Safira num gesto de fraternidade para livrá-la de um destino obscuro. No entanto, jamais cumprira seu papel como marido, motivo pelo qual a mulher se tornou amante de Quaderna. Vivem nesse triângulo sem que haja conflitos, mas a angústia sempre bate à consciência de Quaderna. No dia do depoimento, quando Quaderna chega em casa, encontra Pedro Beato em seu interior, encostado em uma parede como que aguardando a chegada do morador. O local serve de divisão entre as demais construções, já que são três casas que se intercomunicam e também marca a entrada da biblioteca de Quaderna. O local representa significativamente a mentalidade de Quaderna:

Senti a sensação de remorso e indecisão que sempre experimentava ao encontrá-lo. Ele sabia que Maria Safira vivia comigo; falava tranquilamente no caso e aparecia muito raramente em minha casa.

[...]

Tudo isso me deixava com uma sensação penosa de culpa e embaraço diante dele. Eu não ligava, verdadeiramente, a ninguém, portava-me com a maior desenvoltura com todo mundo. Talvez, no fundo, Pedro Beato fosse a única pessoa que, na Vila, me impunha respeito. (SUASSUNA, 1972, p. 243).

Conversam sobre o motivo de o novo Juiz desejar processar Quaderna. Este atribui a intimação a uma briga de rua e à denúncia de seus desafetos. Pedro Beato, no entanto, esclarece para Quaderna coisas que ele próprio não pretende enxergar. “Não foi a denúncia deles que meteu você no processo, nem seus apanhados apareceram só por causa disso! Tudo é a maldita questão da honra, Dinis!” (SUASSUNA, 1972, p. 244). Quaderna sente o confronto com a verdade pela primeira vez de maneira séria e trágica:

Eu não esperava ouvir aquilo dele, de modo que me senti profundamente tocado. Aquela frase me atingia com a força das revelações, iluminando zonas secretas e subterrâneas do meu sangue, zonas de sombras, ocultas, até ali, mesmo para mim. Espantado, olhei para Pedro Beato nos olhos, e vi que ele permanecia sereno e como que alheio à importância do que dissera. Teria sido por acaso? Resolvi levar o assunto adiante.

— Você acha que é a questão de honra, Pedro? O que é que

— você quer dizer com isso?

— Você sabe melhor do que eu, Dinis! Não se zangue comigo não, pelo amor de Deus, mas *eu sei* que estou certo quando lhe digo isso, meu filho! Me diga uma coisa, por exemplo: por que é que você vive inventando essas histórias de Imperador do Divino, de Bumba-meu-boi, de Auto dos Guerreiros, vestindo-se de Rei e andando a cavalo pelo meio da rua, na frente de seus companheiros, de manto nas costas e coroa na cabeça?

Fiquei novamente boquiaberto, porque, como mais ou menos já expliquei, para surpresa minha, aquele fora o ponto de ataque sobre o qual mais tinha se encarniçado o meu rival e opositor, que pelo jornal de Campina, falara nas minhas “afetações de Rei apalhaçado de Bumba-meu-boi” e nas minhas “fanfarrônicas de Cangaceiro e valentão de arraial das festas de Reis”. Tentei, então, me justificar perante Pedro Beato:

— Mas Pedro, que mal faz, aos outros, que eu me vista de Rei, se isso não toma o lugar de ninguém e todo mundo sabe que eu não tenho onde cair morto? Essas coisas que eu faço são tão inocentes!

— Dinis, meu filho, me perdoe, mas não existe nada inocente no mundo! Na sua vida, você tem um pensamento escondido, que é a causa da maior parte dos seus sofrimentos! É também esse pensamento escondido que faz com que os outros sintam em você um homem perigoso, um homem cuja presença prejudica, insulta e humilha os outros! (SUASSUNA, 1972, p. 244) (itálicos do autor).

Pedro Beato adverte Quaderna sobre a questão do sangue: descendente dos Quaderna e dos Garcia-Barretto, Dinis carrega as marcas da raiva e da vingança, duas propriedades que unidas podem resultar em grandes estragos. Quaderna ambiciona recuperar a fazenda *As Maravilhas*, deseja tornar-se um grande na região. Não perdoara ainda o assassinato de seu pai e de seu padrinho. Secretamente, ambiciona retomar o trono maldito inaugurado pelo bisavô há um século na Pedra do Reino. Pedro Beato percebe e declara a não inocência de Quaderna porque sabe que todas as afetações e fanfarrônicas que Quaderna arma em datas comemorativas específicas estão fundamentadas em um plano muito mais profundo. Pedro Beato proporciona a Quaderna a confrontação com a verdade. Por trás de seus planos artísticos e de sua postura bufá esconde-se um propósito maior que Quaderna receia declarar a si mesmo. Quaderna percebe o quanto são valiosas todas as pistas que marcaram o seu trágico destino, que está em vias de se realizar.

Ao retomar os principais episódios que incluem seus antepassados remotos e mais recentes, percebe que a marca de sangue não pode ser desfeita. No entanto, ciente de sua covardia e limitações físicas, encontra outro caminho para se estabelecer como um verdadeiro Quaderna-Garcia Barretto:

Era um sonho grandioso, um sonho à altura da estirpe dos Quadernas. No fundo, porém, lá bem longe e bem dentro do meu sangue, reprimido pela covardia, vigiava ainda o desejo de reconquistar o Castelo real, o da Pedra do Reino. Não o de erguer um Castelo poético, como o dos cantadores; mas o de ir ao Pajeú e retomar, a patas de cavalo, ponta de punhal e tiros de rifle, o Castelo de pedra que era meu e que os Pereiras tinham conquistado. (SUASSUNA, 1972, p. 76).

O crime faz parte de sua história pessoal. O passado torna-o um estigmatizado. O texto de Anna Paula Lemos (2009) propõe a leitura desse capítulo como confronto do alter ego do autor. Quaderna representaria o autor desmascarado diante de sua própria construção textual, em que busca também a superação da morte do pai: Quaderna é máscara que justifica a obra do autor como arma de redenção, como superação da morte do pai. Quaderna é afrontado por Pedro Beato, que segue o diálogo questionando-o sobre questões de honra e sangue. E complementa:

[...] Assim, de fato, é isso o que queima você por dentro, é o fogo de Deus e do Diabo. O que eu não sei é como esse fogo aparece em você por dentro, porque em cada pessoa é diferente! Mas aqui fora, vejo aparecer uma porção de coisas, o clarão de seu fogo, Dinis! Me diga uma coisa, por exemplo: você já perdoou os assassinos de seu Pai? Já perdoou os assassinos de seu Padrinho?
— Sei não, Pedro! — Respondi baixando a cabeça, porque nunca fizera a mim mesmo uma pergunta direta nesse sentido. — Perdoar é coisa dura, difícil e complicada! (SUASSUNA, 1972, p. 245).

O processo para o perdão é ainda um longo caminho para Quaderna. Uma das expressões é a mesma usada por Quaderna, ao conceituar o perdão como algo difícil, é o mesmo usado por Ricoeur ao apresentar questionamentos acerca do termo: “O perdão, se tem algum sentido e se se

existe, constitui o horizonte comum da memória, da história e do esquecimento. Sempre em segundo plano, o horizonte foge ao domínio. Ele torna o perdão difícil: nem fácil, nem impossível.” (RICOEUR, 2007, p. 465). Para Ricoeur, o perdão promove o movimento para a altura, sendo o oposto da profundidade que a falta promove. Evocando Derrida, explica que o perdão se dirige ao imperdoável ou não é perdão (RICOEUR, 2007, p. 474). Por isso, o peso sentido por Quaderna: perdoar os assassinos de seus entes queridos é dispor-se a esquecer. Por ser imperdoável, pois a falta nunca será preenchida, o perdão é algo difícil de acontecer.

Além disso, Quaderna exercita a memória retomando, através das cavalhadas, por exemplo, o reino do bisavô. Por outro lado, esse exercício memorialístico é também fundamentado no rancor, que torna esse perdão difícil. Pedro Beato tenta fazer com que Quaderna esqueça o passado, mas tal passado presentifica-se em cada ato de Quaderna. O ressentimento pelas injustiças sofridas pela família, pelo assassinato cruel de Pedro Sebastião, seu tio, e o desaparecimento de Sinésio, o Alumioso, promovem em Quaderna uma aura de ressentimento que se justifica através da fala de Pedro Beato. Nesse sentido, a teoria de Ricoeur sobre o processo do perdão é perceptível nos atos de Quaderna destronando-o da qualidade de cômico e tornando-o, sob certo aspecto, tão obscuro quanto o primo Arésio.

O seu lado cômico, do palhaço que arma o grande teatro das cavalhadas, do projetor da grande obra que promoverá o gênio da raça, cai por terra nesse momento. O personagem está diante de sua condição de abandono, vinculado à mágoa antiga da perda da figura paterna, seja na imagem do pai, seja na imagem do padrinho. É nesse momento que a leitura de Lemos guia o **sentido** dessa proposta de leitura de que o próprio autor se corporifica na imagem, na condição e na fala de Quaderna:

Portanto, pendulando entre religiosidade e riso, entre circo e auto, entre o trágico e o cômico, o popular e o erudito, o palhaço augusto e o palhaço branco, Suassuna corporifica em seu “palco literário” as tensões que o seu discurso causa. E com sua bufonaria desconstrói seu próprio entusiasmo exagerado e os tons que escapam de retórica empolada. (LEMOS, 2009).

Em nota à primeira edição de *O rei degolado*, Suassuna discute vários pontos de sua trilogia, destacando os aspectos do projeto armorial e de sua visão sobre o romanceiro nordestino. Quase ao final desse texto, Ariano destaca uma conversa ocorrida entre ele, sua irmã, Germana Suassuna, Maximiano Campos e Cyro de Andrade Lima. Conversavam sobre o *Romance da pedra do reino* e num dado momento, Germana define o romance como uma exigência:

A Pedra do Reino é uma exigência no sentido de que força as pessoas a tomarem posição diante dos problemas fundamentais, principalmente o de Deus — e é isso que torna esse livro perigoso, num tempo em que ninguém gosta de ouvir falar de problemas desagradáveis como este. Cyro de Andrade Lima então comentou: “A Pedra do Reino nunca me pareceu uma simples história, um relato, como Germana disse a respeito do outro romance. Tudo aquilo sempre me pareceu uma espécie de sonho ou de pesadelo — ou melhor, uma espécie de tentativa que Ariano vem fazendo para mergulhar no seu próprio subconsciente e exprimir, sob uma forma poética, o universo dilacerado dele.” (SUASSUNA, 1977, p. 133).

2.2. O ENCONTRO COM EUGÊNIO MONTEIRO

A caminho da delegacia, Quaderna encontra-se com Eugênio Monteiro. Antes de iniciar um diálogo com ele, Quaderna se questiona sobre a estranha sensação de angústia que o domina e se recorda de três assassinatos ocorridos recentemente ali na Vila de Taperoá. Ao aproximar-se de Eugênio percebe que ele está concentrado observando cachorros disputarem alguma coisa no leito do rio Taperoá, que está seco devido à época do ano. Eugênio relembra uma história ocorrida com a família da região em que houve estupro e incesto. Eugênio fora testemunha de um casamento entre pai e filha. A fala de Eugênio sobre essa situação faz Quaderna recordar-se da conversa que tivera com Pedro Beato há pouco, pois Eugênio relembra a Quaderna a ideia sobre a inocência dos atos das pessoas:

— Foi isso mesmo, Quaderna, e eu fui testemunha do casamento. Olhe, eu não sou dos que pensam que essas coisas não acontecem “com as pessoas simples e inocentes

do Povo”, não. Não existe ninguém simples e inocente, Quaderna! — disse Eugênio, recordando-me, agora com um tom diferente, as palavras de Pedro Beato. (SUASSUNA, 1972, p. 262).

Segundo Eugênio, os cães no leito do rio representam o diabo. Estão disputando um pedaço de carne que é, na verdade, um recém-nascido que fora assassinado, pois nascera numa circunstância inapropriada para a família que teria uma filha mãe solteira engravidada pelo filho de um rico usineiro, Gustavo Moraes. Eugênio chama a atenção de Quaderna para a responsabilidade de cada um diante de crimes tão hediondos. Quaderna recua. Eugênio provoca Quaderna:

Então vá, Quaderna! Não tome providência nenhuma! — disse Eugênio com um ar queixoso. — Que importância tem que o meninozinho seja ou não devorado pelos cachorros? A almazinha dele já está no céu, e, de lá, pedirá por você a Deus, para que você se saia bem do seu processo! Vá!

Naquele momento, lembrei-me de que Maria Safira sonharac omigo com se eu fosse [sic] um Diabo apalhado e ridículo, e não pude me impedir, também, de pensar que o próprio Eugênio era um Diabo, um Diabo vestido de preto, grosso, entrocado e de chapéu-coco. Tinha certeza de que suas botinas pretas escondiam um pé de cabra e de que, se ele tirasse a bálora, apareceria em sua testa um par de chifres retorcidos e grotescos. Senti um profundo desgosto de ser quem era e de viver com quem vivia. (SUASSUNA, 1972, p. 263).

Duas concepções da figuração do diabo: o diabo apalhado e ridículo, e o diabo entrocado e assustador. Quaderna é obrigado a encarar a si mesmo como um diabo, vivendo em pecado, construindo ambições inalcançáveis. Essa concepção dupla da figura do diabo retoma a noção de ambivalência trabalhada por Bakhtin ao analisar a configuração de personagens duplos que se completam, como Sancho Pança em relação a Dom Quixote (BAKHTIN, 2002, p. 20). Eugênio é um duplo de Quaderna por se apresentar, na concepção de Quaderna, como o diabo entrocado e grosso, e Quaderna, o diabo apalhado:

Nas diabruras dos mistérios da Idade Média, nas visões cômicas de além-túmulo, as lendas paródicas e nos *fablioux*, etc., o diabo é um alegre porta-voz ambivalente de opiniões não oficiais da santidade ao avesso, o representante do inferior material, etc. [...] Mas no grotesco romântico, o diabo encarna o espanto, a melancolia, a tragédia. O riso infernal torna-se sombrio e maligno. (BAKHTIN, 2002, p. 36. *itálicos do autor*)

Eugênio cumpre uma “função” de trazer Quaderna à realidade que o cerca, numa versão obscura de diabo, e aponta a covardia deste.

2.3. O ENCONTRO COM MARIA SAFIRA

Após o encontro com Eugênio Monteiro, Quaderna encontra Maria Safira, esposa de Pedro Beato. Nesse trajeto até a delegacia, Quaderna depara-se com a simbologia do bem, do mal e da representação da sexualidade:

Meu coração deu um salto no peito, pois eu já sabia o que aquilo queria dizer. Sabia que eu, cada vez mais, estava me afastando do mundo de Pedro Beato e do Padre Marcelo e entrando no de Gabriel e Eugênio Monteiro. Mas não tinha opção nem forças para resistir. Aterrado, sabendo no íntimo como aquilo era degradante e perigoso, sobretudo naquele momento, olhei em torno das casas. Não havia viva alma na rua, na sesta do após-meio-dia. Mas quem podia garantir qualquer coisa? Certamente eu continuava sendo espreitado por trás de todas as rótulas. Até agora, meus sacrilégios com Maria Safira tinham ficado à margem dos falatórios. Mas quem sabe se aquele não seria descoberto? (SUASSUNA, 1972, p. 264).

Maria Safira representa o embate de Quaderna com a luxúria, pecado do qual se sabe portador não somente pelo fato de manter um relacionamento pecaminoso, mas também por saber que essa mulher pertence a outro homem. É Maria Safira, no entanto, que faz Quaderna redescobrir sua “homidade”, pois quando criança fora designado pelo pai a tomar o chá de cardina que abre o cérebro, mas destrói a libido. Desde criança percebeu-se que Quaderna não seria capaz de várias funções, exercidas de modo fácil por

seus irmãos, então a saída seria o uso do intelecto. Para a certeza disso, além da cardina, Quaderna foi conduzido ao seminário para formar-se padre. Devido a vários fatores, de lá é expulso. Esse fato também acende o desejo de Maria Safira, mulher que carrega a fama de ser possuída pelo demônio. A oposição cabeça *versus* órgãos sexuais é posta em discurso. O famoso chá de cardina promove o desempenho intelectual, mas incapacita a pessoa de desempenho sexual. Ao unir-se com Maria Safira, que “cura” Quaderna dessa incapacidade, a parte baixa do corpo, destinada à cópula, substitui o empenho intelectual. Promove a vida, apesar das circunstâncias. Maria Safira e Quaderna são estigmatizados pela conduta sexual que praticam:

— Meu Pai, como você sabe, era raizeiro, meio profeta e astrólogo. Sabendo das dificuldades que eu tinha no estudo, me deu, para beber, um chá de *cardina*, uma bebida que abre a inteligência das pessoas. Ele não me esclareceu o que era, dizendo somente que se tratava de um fortificante. Assim, a princípio, não posso dizer se houve alguma modificação, porque não estava advertido, não passei a observar se tinha mudado ou não. Naquele dia, porém, Maria Safira me revelou que a bebida que eu tinha tomado tinha sido a *cardina*. Disse-me, também, que a pessoa que bebe cardina fica inteligente, mas perde toda a força de homem. Aquilo para mim, Pedro, foi como um raio que tivesse caído perto de mim. O que mais me preocupava era que, com a convivência de Samuel e Clemente por um lado, e com a de meus padrinhos, João Melquíades e de Lino Pedra-Verde por outro, eu tinha me tornado, aos poucos, um Poeta e acadêmico capaz de colaborar no Almanaque Charadístico e Literário Luso-Brasileiro. Provavelmente isso significava que a *cardina* tinha tido efeito na inteligência e, portanto, no resto também!

[...]

Safira, então, me convidou a tentar, com ela. Disse que, por sua vez, sentia uma atração estranha por mim. Que, em mim, o que atraía seu sangue e seu desejo eram duas coisas: primeiro, o fato de estar destinado a ser Padre e, agora, aquela ameaça de impotência; depois, o fato de eu descender “daqueles homens esquisitos da Pedra do Reino”. Safira ouvira falar em que meu bisavô ficava excitado sexualmente de maneira poderosa quando degolava a mulher que possuía. (SUASSUNA, 1972, p. 252-253).

Particularmente, o encontro com Maria Safira revela essa união entre o alto e o baixo: a busca da intelectualidade e a busca da satisfação das

necessidades do corpo. Bakhtin, ao tratar esse tema, revela que degradar significa entrar em comunhão com a vida através de atos como o coito, a concepção e a absorção e alimentos. É destrutivo e regenerador, portanto, ambivalente. (BAKHTIN, 2002, p. 19). Safira, para Quaderna, é o símbolo maior da satisfação corporal, pois é ela também quem cuida de sua refeição e o procura para satisfazer-se sexualmente. No entanto, Quaderna, apesar de viver essa união, sente o peso de um crime, pois é, afinal, amante de Safira.

O encontro de Quaderna com esses três personagens, Pedro Beato, Eugênio Monteiro e Maria Safira, pode ser interpretado como uma via crucis em que o personagem se depara com as verdades que o tornam um personagem dramático. A incapacidade do perdão, resgatada na fala de Pedro Beato em relação à conduta de Quaderna, acaba por embasar a busca de seus sonhos grandiosos. A fuga da responsabilidade, acusação que recebe de Eugênio Monteiro e, por fim, a entrega ao adultério, representado no encontro que tem com Maria Safira no interior da igreja, são etapas dessa verdade que o confronta. Essa parte da narrativa deixa em suspenso o tom ensolarado e vívido que acompanhara desde então o discurso de Quaderna. É um momento preparatório em que o personagem percebe o que terá que enfrentar: alguém preparado para dissolver por argumentos e provas os envolvimento criminosos de Quaderna. Antes mesmo de “realizar” o reino, o Quinto Império, Quaderna vê-se acuado diante das malhas da justiça.

2.4. A INTIMAÇÃO – O ENCONTRO COM O CORREGEDOR

O aspecto dramático que preenche parte do discurso de Quaderna inicia-se com a notícia de que fora intimado. Nesse intervalo, ocorre o duelo entre Samuel e Clemente. Inicialmente, Quaderna não compreende o envolvimento de seu nome nos acontecimentos que trouxeram o famigerado Corregedor à região:

De fato, como já noticiei de passagem, três dias antes, na segunda-feira, 11 de Abril, chegara à nossa Vila aquele Bacharel Joaquim Navarro Bandeira, mais conhecido como Joaquim Cabeça-de-Porco. Viera apenas em visitação corriqueira à Comarca. Mas, encontrando a Vila subvertida pelo desfecho da terrível história do rapaz do cavalo branco

— ligada ao ambiente de insurreição que dominava o País
 — resolvera, depois de pedir autorização ao Tribunal, tomar discretamente o comando das investigações, e abria aquilo que os seus corta-jacas chamavam “um inquérito oficioso”. (SUASSUNA, 1972, p. 239).

A data da intimação carrega-se de significado:

Era aquela fatídica Quarta-feira de Trevas, 13 de abril deste nosso ano de 1938. Na véspera eu fora intimado por nosso Oficial de Justiça, Severino Brejeiro, que me entregara um bilhete do Juiz Corregedor, convidando-me a comparecer perante ele, a fim de depor no inquérito aberto sobre todos aqueles acontecimentos, isto é, sobre tudo aquilo que se ligava ao assassinato de meu Padrinho à chegada, a Taperoá, do rapaz do cavalo branco. (SUASSUNA, 1972, p. 187).

Logo a figura do Corregedor é associada ao mal de maneira particular. A proximidade à imagem do porco e depois à imagem da cobra, animais simbolicamente reconhecidos como impuros e traiçoeiros, é completamente ajustável ao caráter do Corregedor:

O corregedor era um homem gordo, moreno, de cabelos lisos e negros, com astutos olhos de porco implantados numa testa baixa, e com uma crueldade dificilmente dissimulada no rosto, que ele procurava manter afável mas que, justificando seu apelido, parecia a cabeça de um caititu com cascavel. Não uma cascavel comum, mas umas dessas chamadas cascavel-de-sete-ventas, envelhecidas e traquejadas nas trilhas da Catinga, grossas, letais, já quase transformadas em escabulho, e que fingem dormir placidamente enquanto nos espreitam para o bote que nos vai matar. (SUASSUNA, 1972, p. 268).

O inquérito, novamente aberto, deu margens à vistoria política por parte das autoridades. É o tempo em que o comunismo está enraizado nos lugares mais remotos. A Coluna Prestes deixara marcas e seguidores. E são esses supostos seguidores que o Corregedor procura:

Agora, como Corregedor, vindo à nossa Comarca em

visitação, tivera a sorte de encontrar, reaberto pelos acontecimentos sucedidos de 1935 a 1938 com o rapaz do cavalo branco, aquele estranho caso do assassinato de meu Padrinho, com todos os fatos e implicações políticas decorrentes dele. Acresce que, segundo os falatórios da rua, essa morte, a herança e os problemas surgidos entre os três filhos de meu padrinho Dom Pedro Sebastião, eram ligados com o ambiente revolucionário dominante no Brasil; principalmente com uma certa “Coluna Sertaneja” que, levantando os sertões da Paraíba, de Pernambuco e do Rio Grande do Norte, pretendia reviver entre nós os feitos praticados em 1926 pela “Coluna Prestes”. (SUASSUNA, 1972, p. 268).

O enfrentamento entre Quaderna e o Corregedor põe em destaque a intencionalidade do discurso. A leitura dessa parte da narrativa de Suassuna pode ser interpretada a partir do pensamento de Foucault em *A ordem do discurso*, em que observa ser o discurso não simplesmente aquilo que oculta ou manifesta um desejo, o discurso não é somente aquilo que traduz as lutas e os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual queremos nos apoderar. (FOUCAULT, 2004, p. 10). É essa a postura do Corregedor diante de Quaderna: vencer e demonstrar o poder de sua posição de poder a partir da linguagem jurídica.

Nesse sentido, apresenta-se no texto do romance essa possibilidade de aprofundamento dos vários níveis de leitura que o discurso propõe. Não se está diante de uma cena entre dois personagens que dialogam para demonstrar uma determinada passagem do romance, e sim diante de um confronto intelectual com regras estabelecidas pelas duas vozes: a de Quaderna e a do Corregedor. A imposição pelo discurso jurídico, representado pelo Corregedor é pautada também a partir de outros aspectos, como a posição hierárquica: trata-se de um homem com formação acadêmica e já bastante conhecedor do mundo das leis e do espaço jurídico. Nada do que o Corregedor profere é desperdiçado ou fora de propósito. Cuidando disso, Quaderna orienta-se pela intelectualidade que tanto o orgulha, mas escorrega quando a vaidade o encobre. Nesse sentido, o longo diálogo entre o Corregedor e Quaderna é representação de imposição de poder: a vitória sobre as argumentações e acusações do Corregedor significa para Quaderna uma conquista oriunda de sua organização discursiva.

A partir do momento que adentra a sala do Corregedor e de imediato é indagado sobre nome e ocupação, Quaderna percebe que terá que utilizar todo o talento, esperteza e conhecimento que atribui a si mesmo para escapar de alguma complicação. Complementa ao nome (Pedro Dinis Quaderna) e ocupação (Diretor da Biblioteca Municipal), informações sobre outras ocupações e cargos como redator da Gazeta de Taperoá, jornal do qual cuida da página literária, enigmática, charadista e zodiacal; poeta escrivão e bibliotecário, jornalista, astrólogo, literato oficial, consultor sentimental, Rapsodo e diascevata. O Corregedor espanta-se e pergunta o que é um diascevata. Quaderna interpreta tal atitude como a primeira vitória sobre o representante da lei: “Vi que tinha conseguido minha primeira vitória contra o Corregedor: porque um acusador que confessa ignorância de alguma coisa sabida pelo acusado perde sempre um pouco de sua superioridade.” (SUASSUNA, 1972, p. 269). Quaderna percebe que poderá, ou pelo menos tentará, vencer as armadilhas do prepotente Corregedor. Posiciona-se como um satirista, segundo concepção de Frye: “O satirista menipeu, cuidando de temas e atitudes intelectuais, mostra sua exuberância em peculiaridades intelectuais empilhando enorme massa de erudição sobre seu tema ou soterrando seus alvos pedantescos sob uma avalanche de seu próprio palavreado.” (FRYE, 1973, p. 305). Quaderna inaugura assim o modo como seguirá o seu depoimento tentando desorientar o Corregedor, ampliando explicações sobre assuntos aparentemente deslocados dos questionamentos do representante da lei, respostas esquivas, desvios, discursos incompreensíveis, pistas falsas, etc. É o melhor estilo de *Como vencer um debate sem precisar ter razão*, estratégias que formatam um verdadeiro manual de patifaria intelectual escrito por Arthur Schopenhauer. Um desses estratégias, o discurso incompreensível, é largamente utilizado por Quaderna. Sobre o estilo e a fala pouco clara de Quaderna, o Corregedor reclama:

— Sim, mas por que chamar o fazendeiro assassinado de Dom e de Rei Degolado? E que negócio de “Legenda Ensanguentada” é esse que o senhor arranjou para o Sertão?

— Sr. Corregedor, tudo isso são “coisas épicas e cifradas” que o senhor irá entendendo melhor à medida que for me

conhecendo mais. Mas a Legenda Ensangüentada do Sertão é coisa indiscutível, até mesmo para uma pessoa formada e ilustre como o senhor! (SUASSUNA, 1972, p. 277).

Envaidecido, Quaderna esmiúça detalhes sobre a ambição literária que projeta e a maneira como reformula a vida dos habitantes do sertão, transformando-os em figuras de um contexto monárquico:

— Entendo! — disse o Corregedor, sorrindo levemente. — Sem o senhor ser monarquista, o fazendeiro Pedro Sebastião Garcia-Barretto não podia aparecer em sua epopéia como “El-Rei Dom Pedro Sebastião, o Degolado”: não haveria queda de tronos, coroas e monarquias, em guerras fidalgas, nem terríveis perfídias, nem combates sanguinolentos, nem façanhas de guerreiros e capitães em algum cerco ou retirada ilustre. Está bem, entendo a primeira parte, a da monarquia. Mas falta explicar a segunda, a da esquerda. Monarquia da esquerda, por quê? (SUASSUNA, 1972, p. 281).

Quaderna busca safar-se da ligação negativa que a esquerda representa com o comunismo. “Criando” uma nova vertente política, assim como uma nova vertente religiosa, não se compromete com nenhuma via revolucionária e tenta, assim, escapar da cadeia. Mas o seu depoimento revela-se cheio de armadilhas. Quando, por exemplo, tenta descrever a chegada da cavalgada e a tomada da vila, Quaderna revela que estava nos lajedos, o que para o Corregedor é bastante comprometedor:

— Um momento, Dom Pedro Dinis Quaderna! — interrompeu o Juiz. — É nas proximidades desse alto que existe um lajedo no qual o senhor costuma subir, ninguém sabe direito pra quê? Ah, nobres Senhores e belas Damas de peito brando! Estremeci de terror, ante a pergunta e o tom em que fora formulada! Mas como vi que ele já estava pelo menos informado de alguma coisa a esse respeito, adotei novamente a atitude de “ser sincero para mostrar inteira boa-fé”. (SUASSUNA, 1972, p. 335).

Mais adiante, Quaderna se dá conta do conhecimento do Corregedor sobre a Pedra do Reino, o que lhe causa grande aflição:

O Corregedor interrompeu de novo, com aquela mesma expressão aguda e cortante:

— Um momento, Senhor Dom Pedro Quaderna! O senhor tem certeza de que foi pelo nome de Frei Simão que o Doutor Pedro Gouveia tratou o tal Frade?

Ah, nobres Senhores e belas Damas! Vossas Excelências, que conhecem a história da Pedra do Reino, bem sabem o que este nome de Frei Simão significava para todos nós, pois Frei Vieira, o Moço, aquele mesmo que em 1838, tinha presidido, como sacerdote, às degolações ordenadas por meu bisavô, Dom João II, O Execrável! Esfriei de novo, sem saber até que ponto o Corregedor conhecia o que esse nome de Frei Simão significava para nós. Mas, do jeito que ele falara, parecia que ele quisesa, apenas documentar o fato para que Margarida o anotasse. (SUASSUNA, 1972, p. 356).

Quaderna tenta sondar de onde o Corregedor conseguira detalhes sobre sua conduta. É quando se revela a existência de uma carta anônima que o Corregedor recebe informando que Quaderna estaria envolvido em mais de sessenta acusações e, entre as mais graves, o fato de ele ser descendente do famigerado grupo fanático de 1838 e o outro de estar envolvido no assassinato de seu padrinho Pedro Sebastião Garcia-Barretto:

Pronto, nobres Senhores e belas Damas de peitos macios! Estava descoberto o meu grande crime, aquela culpa que eu vinha procurando ocultar tão cuidadosamente, desde que se iniciara o depoimento. Tive a sensação de que há muito tempo eu pressentia uma acusação dessas, na minha vida. Era esse o motivo real das minhas apreensões. Não só das que experimentara há pouco, quando vinha para a Cadeia, mas de apreensão geral, muito mais antiga, surgida com o sol do meu sangue, quando, sem motivo palpável nenhum, eu já me sentia culpado sem ninguém me acusar diretamente, sem que suspeita nenhuma de Juiz nenhum tivesse sido soprada a meu sangue, o qual porém, já se sentia enfermo, infeccionado por uma culpa que me perseguia e me envenenava. (SUASSUNA, 1972, p. 371).

O discurso de Quaderna configura-se como uma defesa perante um tribunal, pois nos excertos acima, entre tantos exemplos no decorrer do depoimento, Quaderna recorre aos “nobres Senhores e belas Damas de peitos macios” numa tentativa clara de apelação, intuito que revelara no início da narrativa. O depoimento ocorre em várias camadas discursivas, ocultando e

revelando as astúcias de Quaderna.

Quaderna procura ocultar informações sobre suas obscuras origens e sobre seu projeto de vida. Na maior parte do tempo fracassa, pois cede ao temperamento verborrágico e envaidece-se de sua condição e capacidade intelectual. Ao perceber o poder da prática discursiva, recordemos que o discurso é atingido por sistemas de exclusão, como apresenta Foucault, e de que “nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis.” (2004, p. 37). Portanto, Quaderna arrisca-se ao deixar transparecer seu interesse em recordar e reerguer um acontecimento cercado pela ação criminosa — o sacrifício humano — e alicerçada pelo tabu da loucura — largamente atribuída à figura histórica de João Ferreira, fundador da aglomeração messiânica. Quaderna desvia a atenção do leitor para essas informações e, diante do Corregedor, tal prática é mais perceptível.

Nos momentos finais do depoimento, Quaderna pensa que estará livre da presença massacrante do Corregedor, mas esse lhe informa que o depoimento continuará. Quaderna argumenta que corre riscos com o prolongamento do depoimento já que isso acarretará prejuízos e infortúnios. O corregedor responde:

— O destino dos gênios é esse mesmo, Dom Pedro Dinis Quaderna! A História está cheia da narração dos infortúnios deles! São, todos, uns infortunados! Principalmente os que carregam a História de suas pátrias no sangue e nos ombros, como uma cruz. Aliás, a própria História não passa de uma narrativa sombria, enigmática e sangrenta, para usar as palavras que o senhor usou em relação à morte do velho Rei e à vida de seu sobrinho Sinésio, o rapaz do cavalo branco! Passe uma vista pela História do Brasil: são massacres, infortúnios, incestos, morticínios, guerras, calamidades e desgraças de todo tipo! Toda coroa é manchada de sangue, como o senhor mesmo disse. E se você aspira, mesmo, a essa coroa de Poeta nacional do Brasil, tem de jogar sua sorte e arriscar sua cabeça, juntamente com a sorte do Brasil!

— Está bem! — disse eu, resignado, e, ao mesmo tempo, fatidicamente impressionado com aquelas palavras agoureiras que o Corregedor ia alinhavando com ironia, imitando, aqui e ali, meu tom de voz e posando assim de arguto e espirituoso para Margarida. — Vossa Excelência exige que eu volte... Se eu não morrer, como José de Alencar morreu, voltarei!

— Ótimo! Teremos, então, oportunidade de continuar, aqui, esta nossa conversa, tão interessante, tão cheia de sugestões e revelações! O inquérito continua aberto e em suspenso, de modo que, pelo menos por enquanto, sua Obra ficará assim, em suspenso e aberta, dependendo sempre de novos depoimentos que o senhor nos prestar. Talvez, até, ela dure o resto de sua vida e nunca chegue a terminar, de acordo com o teor do que o senhor tiver para nos dizer! (SUASSUNA, 1972, p. 620).

Quaderna defronta-se com a transferência de suas próprias palavras para a fala do Corregedor que as utiliza como processo de aniquilamento, como apresenta Bakhtin em sua análise sobre a obra de Dostoiévski:

Essa transferência das palavras de uma boca para outra, quando elas conservam o mesmo conteúdo, mas mudam o tom e o seu último sentido, constitui o procedimento básico em Dostoiévski. Este obriga os seus heróis a reconhecerem a si, a sua idéia, a sua própria palavra, a sua orientação, o seu gesto noutra pessoa, na qual todas essas manifestações mudam seu sentido integral e definitivo, não soam de outro modo senão como paródia ou zombaria. (BAKHTIN, 2005, p. 218).

A zombaria presente na fala do Corregedor, em vários momentos do longo depoimento, mas bastante evidente nos momentos finais, demonstra o desejo de aniquilação por parte do juiz em relação a Quaderna. Nesse último confronto, Quaderna não experimenta a mansidão de Pedro Beato, mas a astúcia do Corregedor. Reconhecendo seus gestos, modos de falar e de se portar na figura do Corregedor, que o imita, agredindo-o e oprimindo-o, Quaderna aproxima-se do procedimento dado por Dostoiévski e comentado por Bakhtin. É obrigado, portanto, a se reconhecer no outro, e esse reconhecimento abala sua projeção ambiciosa de tornar-se rei e escritor glorioso. Não podemos esquecer que o início da narrativa situa Quaderna preso e, se não temos acesso ao procedimento que resultou finalmente na prisão do personagem, temos, no entanto, a certeza de que Quaderna não conseguiu escapar de sua sina. A caminho de casa, sabendo que terá de retornar à cadeia, Quaderna reconhece que seus sonhos epopéicos e de realza iriam lhe custar caro. Afinal, ele faz parte do ramo fraco e pobre da

família, de poucos recursos dispõe, a não ser seu talento para falar, para livrar-se da figura massacrante representada pelo Corregedor.

3. CONFRONTO E AUTO REFLEXÃO

A tomada de consciência de sua situação nada favorável vai se afirmando pouco a pouco a partir do longo depoimento que presta durante as horas em que permanece no prédio da cadeia. O narrador protagonista, de acordo com Chiappini, narra desse centro fixo (p. 42) e Quaderna se posiciona como esse tipo de narrador. No desenrolar da narrativa, tem acesso à fala dos outros submetendo esses discursos à sua própria percepção, aos seus pensamentos e seus sentimentos. Essa *via-crucis* que Quaderna percorre e as várias etapas de discursos que troca com cada um desses personagens dá embasamento para a auto reflexão sobre seus atos, passados e presentes, assim como o prepara para um futuro já anunciado no corpo do romance. Sabemos, a partir do início da narrativa, que Quaderna está preso e lá sustenta o sonho de tornar-se o grande escritor que almeja ser, escrevendo nas longas horas mortas no interior da cadeia. É lá que visualiza o espaço do sertão como um grande palco em que se desenrola sua história.

Quaderna reflete acerca de seu envolvimento nos crimes que o Corregedor o acusa, assim como do fato de somente ele (o lado mais fraco da família) ter sido indiciado:

Pensava também, inquieto, no estranho Processo no qual estava mais uma vez envolvido. Parecia que meu destino era ser sempre implicado nos casos de crime e herança daquela minha ilustre e poderosa família materna dos Garcia-Barretos. Era como se a Justiça, sem ter condições de envolver em suas malhas os membros mais importantes daquela casa real sertaneja, resolvesse se encarniçar sobre o outro, o legítimo, o Quaderna, o verdadeiro Rei e Profeta, por saber que eu, arruinado, não tinha condições para me defender, isto apesar de meus méritos de Poeta, Astrólogo e Decifrador, e apesar da Raça real do meu sangue da Pedra do Reino. (SUASSUNA, 1972, p. 622).

Na continuidade do *Romance da pedra do reino, O rei degolado*, Quaderna narra, num segundo depoimento prestado ao Corregedor, como se

iniciaram as guerras sertanejas e como os acontecimentos ocorridos em 1912 repercutiram durante a década de 1930. O trecho a seguir demonstra o que o Juiz pensa sobre Quaderna, exemplificando o tom de autoconhecimento, provocação e ironia que permeia o longo diálogo, já iniciado na primeira parte da obra:

— Estou às suas ordens, Doutor Juiz! Antes, porém, queria que o senhor, se fosse possível, me dissesse qual é a opinião que o senhor faz mesmo de mim, pelo que pode apurar e ajuizando pelo depoimento que dei ontem sobre a Pedra do Reino! O senhor poderia dizer isso para mim?

— Posso, pois não, Dom Pedro Dinis Quaderna! Faço isso até com um certo prazer! A meu ver, “o senhor passa a vida se fazendo de bufão”, um pouco por irresponsabilidade e falta de compostura, é verdade, porém muito mais por insensibilidade moral e para convencer as autoridades de que é apenas um literato inofensivo, e não o verdadeiro instigador dessa subversiva “Guerra do Reino” que, de vez em quando, mesmo sem o senhor querer, irrompe de seus lábios e de suas confissões, de tal modo está entranhada nos seus sonhos e desejos! (SUASSUNA, 1977, p. 71).

A imagem do bufão, ambivalente para Bakhtin, é posta em destaque para avaliar a imagem de Quaderna: “Ora, como sabemos, a própria loucura é ambivalente. Aquele que a possui, o bufão ou o tolo, é o rei do mundo às avessas.” (BAKHTIN, 2002, p. 374). Para Quaderna o riso é uma solução para o seu mundo de sertanejo pobre e excluído. Em sua composição literária Quaderna destrona, inverte e recondiciona os papéis dos que ocupam o lugar mais alto da hierarquia, seja de natureza política, social ou artística. Assim destrona o Corregedor, ou nomes imponentes da literatura ou da política, seus mestres Samuel e Clemente (na ocasião do duelo), ou ainda os porta-vozes de uma manutenção de poderio e opressão sobre os pequenos:

O riso da Idade Média, que venceu o medo do mistério, do mundo e do poder, temerariamente, desvendou a verdade sobre o mundo e o poder. Ele opôs-se à mentira, à adulação e à hipocrisia. A verdade do riso degradou o poder, fez acompanhar de injúrias e blasfêmias, e o bufão foi o seu porta-voz. (BAKHTIN, 2002, p. 80).

A fala de Arésio a Adalberto Coura desnuda o interior de Quaderna:

preso às intrigas do sangue e da história pessoal, da miséria e da dor, da proximidade da morte e do destino imponente, Quaderna “resolve” seus conflitos pelo riso:

Dinis Quaderna não é alegre, Adalberto. Quem passou o que ele passou e viu o que ele viu, não pode ser alegre. Os subterrâneos do sangue dele são como os meus, povoados de mortos sangrentos que flutuam no rio da desordem. Apenas, enquanto eu resolvo meu conflito pelo choro e pelo suor do sangue e da violência, ele resolve o seu pelo *riso*; mas eu não sei qual o mais despedaçado, se o meu sangue ou se o riso dele. (SUASSUNA, 1972, p. 530).

É pelo caminho do riso que Quaderna procura entender sua intrincada história e edificar seus sonhos. Mas não há engano quanto à dor nem quanto à realidade trágica que o cerca. Famigerado por gerações, Quaderna carrega a marca dos antepassados. Para sobreviver, utiliza-se de máscaras para lidar com seus opostos. É um processo de autoconhecimento e fortalecimento de suas crenças, ainda que sombrias. Quaderna não é somente o personagem pícaro que eleva tudo ao riso desconstrutor. Seu riso é também manifestação do ser despedaçado, incompleto, oriundo de espaço em que sangue, honra e religião se misturam. Pobre e fraco, mas orgulhoso e ambicioso, depara-se com os confrontos inevitáveis. Pedro Beato, homem santo e puro, tenta persuadi-lo pela via do perdão. Confronta-se também com a maldade e a astúcia do Corregedor. Quaderna é obrigado a confrontar-se, a desnudar-se e perceber quem é, o que almeja e quanto isso irá lhe custar.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoievski*. Tradução de: BEZERRA, Paulo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

_____. *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de: VIEIRA, Yara Frateschi. São Paulo: Annablume, 2002.

CHIAPPINI, Ligia. *O foco narrativo*. São Paulo: Ática, 2007.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução de: SAMPAIO, Laura Fraga de Almeida. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica*. Tradução de: RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. São Paulo: Cultrix, 1973.

LEMONS, Anna Paula. *O rei apalhado de Bumba-meu-boi*. Disponível em: <<http://www.lettras.ufjf.br/ciencialit/garrafa10/annapaulalemons.html>>. Acesso em: 17/03/2009.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. *O messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo: Dominus Editora, 1965.

QUEIROZ, Rachel. Um romance picaresco? In: SUASSUNA, Ariano. *Romance d'a pedra do reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta – romance armorial brasileiro*. 3ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

RICOEUR, Paul. *Memória, a história, o esquecimento*. Tradução de: FRANÇOIS, Alain [et al.] São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

SUASSUNA, Ariano. *Romance d'a pedra do reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta – romance armorial brasileiro*. 3ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

_____. *O rei degolado – ao sol da onça caetana*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

Submetido em: 21/06/2011

Aceito em: 14/10/2011

